

MARCAS DA ORALIDADE NA ESCRITA: UMA ANÁLISE DAS REDACÇÕES DOS ALUNOS DO LICEU DE CALUQUEMBE

Domingos Tavares Ngungo

redacconsulto@gmail.com

 0009-0002-8689-1504

Instituto Superior Politécnico Gregório Semedo
Lubango - Angola

Abstract – This study analyzes the traces of orality in the writing of 11th-grade students from Liceu n.º 1202 de Caluquembe, with the aim of identifying, describing, and interpreting such occurrences in light of sociolinguistics. The research adopts a mixed-methods approach (qualitative and quantitative), of a descriptive nature, involving students and teachers from an educational institution, and using as its corpus 16 essays selected by random sampling from a universe of 54 texts. The analysis framework results from the articulation between Zorzi's classification of spelling errors and Bortoni-Ricardo's sociolinguistic typology. Data were collected through textual productions and classroom observation. The results showed that approximately 65% of the written productions present direct interferences from orality, including phonetic writing, omission of graphic segments, and syntactic simplification. It was also observed that about 70% of the students demonstrate difficulty in differentiating formal and informal registers of the language. These data indicate a strong influence of orality on the writing construction process. Traces of orality should not be interpreted merely as deviations, but as manifestations of the language acquisition process. The need for contextualized pedagogical practices that value linguistic diversity and promote the development of writing skills in a critical and reflective manner is highlighted.

Keywords – orality, writing, sociolinguistics, linguistic variation, teaching.

Recebido em: 21/02/2026

Revisado em: 03/03/2026

Aprovado em: 18/03/2026

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho, tem como tema “marcas da oralidade na escrita: uma análise das redações dos alunos”. Várias são as dificuldades que os alunos enfrentam, mas este estudo ocupa-se apenas nas marcas da oralidade na escrita. Julgou-se prestável efetuar uma pesquisa qualitativa (análise

interpretativa), descritiva e documental, através de análise das marcas da oralidade na escrita de alunos da 11.ª classe, interpretando-as à luz da sociolinguística.

O código escrito, sendo uma tentativa da reprodução gráfica da língua, difere da língua oral no seu uso. A oralidade está repleta de variações, dando liberdade aos alunos, mas para a escrita, a observação de uma norma culta se exige, pois por mais que os alunos sejam provenientes de diferentes zonas ou famílias, deve haver uniformização nos seus escritos.

O município de Caluquembe localiza-se no norte da província da Huíla, em Angola, e tem a língua bantu umbundu como língua, além do português. Segundo [1], mais de 67% dos alunos do Liceu 1202 tem o português como língua 2, tendo contacto com o português apenas na escola.

Apesar da relevância do tema, existe uma lacuna nos estudos empíricos no contexto angolano que analisem sistematicamente as marcas de oralidade na escrita escolar a partir de uma perspectiva sociolinguística. A persistência de marcas da oralidade na escrita escolar levanta questões sobre o ensino da língua portuguesa em contextos multilíngues, particularmente no que diz respeito à relação entre norma padrão e variação linguística. Assim, questiona-se até que ponto tais marcas devem ser entendidas como erros ou como manifestações legítimas de práticas linguísticas dos alunos. Nessa senda, o presente estudo busca responder à seguinte questão: como as marcas de oralidade na escrita dos alunos refletem processos de variação linguística e como podem ser compreendidas no contexto do ensino da língua portuguesa?

2 REFERENCIAL TEÓRICO: LEITURA E ESCRITA

2.1 ORALIDADE E ESCRITA ENQUANTO OBJETOS DE ESTUDO

A oralidade e a escrita são encaradas como modalidades fundamentais da linguagem humana. Estudos linguísticos contemporâneos defendem que a oralidade e a escrita devem ser entendidas como práticas complementares situadas ao longo de um contínuo, e não como sistemas opostos [2]. Então, entende-se que a oralidade e escrita são práticas e usos da língua e cada uma tem características próprias, mas não o suficiente para caracterizar dois sistemas linguísticos diferentes, nem uma dicotomia.

[3] afirmam que a oralidade é comumente caracterizada pela espontaneidade, interação e dependência de características contextuais e prosódicas, enquanto a escrita envolve planejamento, controlo sintático e adesão a normas convencionais.

Na visão de [4], a sala de aula deve ser entendida como um espaço sociolinguístico onde coexistem múltiplas práticas linguísticas. Desde modo, tanto a oralidade como a escrita devem ser reconhecidas como objetos legítimos de estudo.

[5] afirma que a aquisição da escrita está fortemente alicerçada na experiência oral do aluno, reforçando a necessidade de considerar a interação entre estas modalidades no ensino de línguas. O professor tem no processo inicial de alfabetização e não só, a função de contribuir para o domínio da linguagem oral e escrita do aluno, permitindo que este reflita na sua escrita e na sua oralidade, embora esta última o aluno adquira primeiramente em contexto informal.

2.2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTEXTO ANGOLANO

A variação linguística é um princípio fundamental da sociolinguística, e tem a ver com a existência de múltiplas formas de utilização da língua, moldadas por fatores sociais, culturais e históricos. Em Angola, esta variação é

intensificada pela natureza multilíngue da sociedade, onde o português coexiste com várias línguas nacionais (bantu). Em muitos locais o português funciona frequentemente como segunda língua, levando a processos de transferência linguística que influenciam tanto a produção oral como a escrita. Estes processos refletem-se em características fonológicas, lexicais e sintáticas observadas na escrita dos alunos, tal como afirma [6].

[4] defende que a variação linguística é sistemática e regida por regras, e não aleatória. Mantendo-se na mesma ideia, [7] sublinha que a variação não deve ser interpretada como uma deficiência linguística, mas como uma característica natural da língua. Assim, compreender a variação linguística em Angola é essencial para o desenvolvimento de abordagens pedagógicas inclusivas que reconheçam os repertórios linguísticos dos alunos.

2.3 NORMA E LÍNGUA PADRÃO NA EDUCAÇÃO

O conceito de norma linguística refere-se às convenções socialmente estabelecidas que regulam o uso da língua, particularmente na escrita formal. Segundo [4] a variedade ensinada nas escolas difere frequentemente da linguagem quotidiana dos alunos, criando barreiras à aprendizagem. Em contextos multilíngues, como Angola, a norma padrão pode funcionar como um sistema linguístico adicional que os alunos devem adquirir.

[5] afirma que o ensino da norma padrão não deve implicar a supressão da diversidade linguística, mas sim a promoção da consciência metalinguística e da capacidade de adaptar o uso da língua a diferentes contextos.

As marcas de oralidade na escrita referem-se a características linguísticas que resultam da transferência de características da língua falada para textos escritos. Estas características são comuns em contextos escolares, particularmente entre os alunos em processo de consolidação da escrita.

[4] classifica-as como resultados de processos fonológicos e sociolinguísticos que fazem parte da competência linguística do falante.

[8], muitos “erros” ortográficos refletem hipóteses dos aprendentes sobre a linguagem, especialmente quando baseadas em correspondências fonético-fonológicas. Por isso, tais ocorrências devem ser interpretadas como parte do processo de aprendizagem, e não como meras deficiências. Pesquisas recentes confirmam que estes padrões são sistemáticos e influenciados por fatores sociolinguísticos, reforçando a necessidade de abordagens analíticas que vão além da correção normativa [10].

2.4 CATEGORIA DE MARCAS DA ORALIDADE NA ESCRITA

A grelha das marcas da oralidade na escrita utilizada para a análise das redações produzidas pelos alunos surge da fusão da classificação de erros ortográficos utilizada nos estudos de [8] e [4]:

1. Troca de vogal aberta /o/ por vogal fechada /u/ e vice-versa;
2. Neutralização das vogais anteriores /e/ e /i/;
 - a. Palatal ou anterior: quando articulada na parte anterior da cavidade bucal, com a língua elevada em direção ao palato duro, próximo dos dentes;
3. Casos de monotongação versus ditongação;
4. Casos de epítese ou paragoge do /i/ e do /e/ após sílaba final travada;
5. Uso de marcadores conversacionais na escrita;
6. Marcas decorrentes da troca de consoantes surdas e sonoras oclusivas:
7. Bilabiais: /p/, /b/;
8. Linguodentais: /t/, /d/;
9. Linguopalatais: /k/, /g/;

10. Marcas decorrentes da oralização das vogais átonas finais;

11. Marcas decorrentes da queda do /r/ final nas formas verbais;

12. Marcas decorrentes da omissão de letras.

3 METODOLOGIA

Esta investigação adota uma abordagem mista, integrando procedimentos quantitativos e qualitativos na análise dos dados. Essa abordagem permite não apenas identificar e quantificar as ocorrências de interferência da oralidade na escrita, mas também interpretar os fenômenos linguísticos observados nas produções textuais dos estudantes. A análise das produções escritas foi realizada com base em categorias linguísticas inspiradas em estudos sobre dificuldades ortográficas e variação linguística, especialmente nos trabalhos de [4]. Essas categorias permitiram identificar diferentes tipos de interferência da oralidade na escrita, como omissão de letras, substituição vocálica e alterações consonantais.

Após a identificação das ocorrências, procedeu-se à quantificação dos dados, permitindo a organização dos resultados em tabelas que evidenciam a frequência relativa dos fenômenos observados. O corpus da pesquisa foi constituído por redações produzidas por alunos da 11ª classe do Liceu nº 1202 de Caluquembe, localizado na província da Huíla, em Angola. Para a seleção dos participantes, foi utilizada uma amostragem aleatória sistemática, garantindo maior representatividade dos dados analisados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados obtidos neste estudo permitem uma leitura mais aprofundada das marcas da oralidade na escrita dos alunos, não apenas de uma perspectiva normativa, mas também à luz da sociolinguística contemporânea. De fato, a presença recorrente de fenômenos como a neutralização de vogais, a omissão de letras, a supressão do /r/ final e o uso

de marcadores conversacionais demonstra que os alunos mobilizam estruturas e padrões derivados da oralidade no processo de escrita. Ao contrário das abordagens tradicionais que classificam as ocorrências como simples erros, esta abordagem propõe sua interpretação como manifestações de práticas linguísticas situadas, influenciadas pelo contexto sociocultural e linguístico dos alunos. Essa perspectiva está em consonância com [7] e [4], que argumentam que a variação linguística deve ser entendida como parte integrante do funcionamento natural da linguagem.

Tab. 1 - Categoria de marcas da oralidade na escrita

Categoria de marcas da oralidade na escrita	Marcas detectadas	Porcentagem
Troca de vogal aberta /o/ por vogal fechada /u/ e vice-versa	2	3,08%
Neutralização das vogais anteriores e posteriores /e/ e /i/ /o/ e /u/	5	7,7 %
Palatal ou anterior /e/ e /i/	16	24.64 %
Posterior ou velar /o/ e /u/		
Casos de monotongação versus ditongação	5	7,7 %
Casos de epítese ou paragoge do /i/ e do /e/ após sílaba final travada	2	3,08 %
Uso de marcadores conversacionais na escrita	7	10,78 %
Marcas decorrentes da troca de consoantes surdas e sonoras oclusivas:		
a) Bilabiais: /p/, / b/	0	0%
b) Linguodentais: /t/, /d/	6	9,24 %
c) Linguopalatais: /k/, /g/	0	0%
Marcas decorrentes da oralização das vogais átonas finais	2	3,08 %
Marcas decorrentes da queda do /r/ final nas formas verbais	3	4,62 %
Marcas decorrentes da omissão de letras	10	15,4 %
Total	58	

Uma das principais contribuições desta pesquisa reside na construção de um modelo analítico que articula a classificação de erros ortográficos de Zorzi com a abordagem sociolinguística de Bortoni-Ricardo. Esta integração permitiu uma análise mais abrangente, considerando não apenas a forma gráfica das palavras, mas

também os processos fonológicos e sociolinguísticos subjacentes às produções escritas dos alunos.

Os dados analisados confirmam fenômenos amplamente discutidos em sociolinguística, nomeadamente a interferência da oralidade na escrita e a existência de um continuum entre a fala e a escrita. Como argumenta [2], estas duas modalidades não devem ser vistas como opostas, mas como práticas interligadas. No caso dos alunos analisados, a escrita aparece frequentemente como uma extensão da oralidade, o que explica a incidência de marcadores orais típicos.

É importante destacar que os marcadores identificados refletem características específicas da comunidade linguística investigada, inserida num contexto multilíngue em que o português coexiste com a língua nacional, o umbundu. Neste cenário, muitos alunos utilizam o português como segunda língua, o que influencia a sua produção escrita. Assim, os dados obtidos dialogam diretamente com o conceito de variação linguística legítima, segundo o qual todas as variedades da língua são sistemáticas e adequadas aos contextos em que ocorrem [7]). Assim, as marcas da oralidade não devem ser vistas exclusivamente como desvios, mas como expressões de uma competência linguística em desenvolvimento.

Quando comparados com estudos realizados em outros contextos, os resultados desta pesquisa mostram convergências significativas, particularmente no que diz respeito à persistência da oralidade na escrita. Em relação à norma padrão, é importante ressaltar que sua imposição rígida pode afetar a identidade linguística e cultural dos alunos. [11] afirmam que, em contextos multilíngues, a desvalorização das variedades linguísticas dos alunos pode gerar insegurança linguística e limitar sua participação no processo de ensino e aprendizagem.

Com base nos resultados do estudo, propõem-se as seguintes sugestões:

1. Adotar uma abordagem sociolinguística no ensino da língua portuguesa, valorizando a diversidade linguística dos alunos, [7].
2. Desenvolver práticas pedagógicas diferenciadas, tendo em conta alunos com português como língua materna e como língua segunda, [6].
3. Promover atividades de retextualização, incentivando a passagem da oralidade para a escrita de forma consciente, [2].
4. Reforçar a formação contínua dos professores em sociolinguística e didática da língua, [4].
5. Produzir e utilizar materiais didáticos contextualizados à realidade linguística angolana e, sobretudo, de Caluquembe.
6. Priorizar pelo incentivo da autocorreção e a reflexão linguística dos alunos durante a produção textual.
7. Incentivar o contato dos alunos com textos escritos diversificados, promovendo hábitos de leitura.

5 CONCLUSÕES

O contexto angolano apresenta especificidades, como a forte influência do multilinguismo e a limitada exposição à norma padrão fora do ambiente escolar, o que intensifica a ocorrência dessas marcas. Os dados analisados revelam que as marcas da oralidade não ocorrem de forma aleatória, mas seguem padrões sistemáticos associados à competência linguística dos alunos e ao seu contexto sociolinguístico. Tal constatação reforça a ideia de que a escrita escolar constitui um espaço de transição entre a oralidade e a norma padrão, exigindo uma abordagem pedagógica que vá além da simples correção normativa. Os alunos introduzem na escrita, elementos característicos da oralidade em textos escritos. As marcas da oralidade presentes nos textos dos alunos ilustram a ideia de que os alunos não refletem na sua escrita. Para transmitir suas ideias e pensamentos para a escrita, fazem-no como se estivessem a dialogar oralmente tal como ilustram os casos de marcadores conversacionais, troca de consoantes surdas e sonoras, bem como dos casos de neutralização.

AGRADECIMENTOS

O autor agradece à direção do Liceu 1202, por permitir que a pesquisa fosse feita na referida instituição.

REFERÊNCIAS

- [1] Ngungo, D. T. (2021). Marcas da Oralidade na escrita: uma análise nas redações dos alunos do Liceu 1202 de Caluquembe. Lubango: ISCED-HUÍLA.
- [2] Marcuschi, L. A. (2020). Da fala para a escrita: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez.
- [3] Pinto, M., & Pinto, R. (2024). Oralidade no ensino de língua portuguesa. *Revista Educação e Linguagem*, 12(1), 67–82.
- [4] Bortoni-Ricardo, S. M. (2021). Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola.
- [5] Cagliari, L. C. (2024). Alfabetização e linguística. São Paulo: Scipione.
- [6] Gonçalves, P., & Stroud, C. (2022). Multilingualism and language contact in Africa. *Journal of Sociolinguistics*, 26(3), 345–362.
- [7] Bagno, M. (2021). Preconceito linguístico: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola.
- [8] Zorzi, J. L. (2020). Aprendizagem e distúrbios da linguagem escrita. Porto Alegre: Artmed.
- [9] Coelho, M., Silva, R., & Andrade, P. (2020). Oralidade e escrita no contexto escolar. *Revista de Estudos Linguísticos*, 48(2), 123–140.
- [10] Santos, E., & Saraiva, M. (2023). Marcas da oralidade na escrita escolar. *Revista de Linguística Aplicada*, 15(2), 89–105.
- [11] Makoni, S., & Pennycook, A. (2021). Desinventando e reconstruindo línguas. *Multilingual Matters*.